

---

Muanamosi Matumona\*

WP/CEAUP #2008/06

**Escravatura:  
prática criminosa ou promoção  
do homem africano?\*\*\***

**- Uma interpretação ociológica da  
história de África**



---

CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS  
UNIVERSIDADE DO PORTO



A escravatura é um dado histórico, vivido em todas as áreas africanas que foram controladas, em tempos idos, pelas potenciais coloniais. O tema tem merecido muitas referências até aos nossos dias, e abordado no contexto do colonialismo, especialmente no capítulo que toca o processo do tráfico de escravos. Pelo que está bem claro que escravatura representa uma realidade que ocupa um lugar de destaque nos manuais de história, antropologia, sociologia e filosofia elaboradas no contexto africano. Na verdade, a temática tem sido tratada, na nossa opinião, de uma forma sensacional, suscitando um certo pessimismo, ressentimentos e até complexos de inferioridade em muitos africanos que, com esta perspectiva, aderem, com uma certa facilidade, a um espírito de vingança, que não deixa de parte sentimentos racistas. Assim sendo, nota-se que, embora não ocultando a verdade histórica, a forma habitual de abordar este problema não tem sido muito coerente, em muitas circunstâncias, na medida em que o acento tem sido colocado mais pela negativa. Entretanto, tendo em conta a história de África na era pós-colonial, que também não é nada muito famosa, na medida em que uma espécie de neocolonialismo se instalou no continente, não trazendo muita felicidade aos povos que esperavam por dias melhores depois das independências, é lógico que a história de África seja repensada, para uma boa reavaliação do problema da escravatura no continente negro. E mais: numa altura em que modernidade vai sendo cada vez mais uma realidade no âmbito da globalização, e com o avanço das ciências sociais, articuladas com a hermenêutica e com a epistemologia, a história vai sendo questionada de uma forma lógica, permitindo que a nova leitura dos acontecimentos mereça, hoje,

Slavery is an historical given fact in all African regions that were controlled, in former times, by the potential colonies. The theme has had a lot of references till nowadays and was approached in the context of colonialism especially in what concerned the slave trade process. It is clear that slavery represents a reality that has a leading place in the books of history, anthropology, sociology and philosophy in the African context. In reality, this theme has been studied, in our opinion, in a sensationalist way creating a certain pessimism, resentment and even an inferiority complex in many Africans who, in this perspective, cling, with a certain ease, to a spirit of revenge giving way to racist feelings.

Thus, we notice that, although not hiding the historical truth, the usual approach to this problem has not been, in many circumstances, very coherent because the negative part has always been accentuated.

Meanwhile, and considering that the history of Africa in the post-colonial era is not in itself very recommendable due to a kind of neo-colonialism that has established itself in the continent which did not bring happiness to the peoples who expected it after the independence, it is natural that the history of Africa be rethought for a better reassessment of the problem of slavery in the black continent. Furthermore: in a time when modernity is more and more a reality in the domain of globalisation and with the advance in social sciences articulated with Hermeneutics and epistemology, history is continuously questioned in a logical way allowing for new considerations in the new reading of these events, now that the world context is completely different than before. A lot has changed. The history of Africa deserves a new interpretation in order to create new references in the study of these themes.



novas considerações, quando o contexto actual é completamente diferente do mundo de ontem. Muita coisa mudou. Pelo que a história de África merece uma nova interpretação, para apurar um novo quadro de referência na abordagem dos temas do género.

Com uma hermenêutica coerente e bem actualizada, questionando a história de África e sem viciar os seus factos, surge mesmo uma necessidade lógica para reler os factos históricos. Nesta linha, a filosofia e a sociologia oferecem critérios seguros para avaliar os acontecimentos de ontem, vivendo o presente com olhos postos no futuro, cuja projecção deve ser apoiada por outros ideais: a reconstrução do continente. Assim, passar-se-á das «desgraças» do passado para a vida digna de hoje, que deve assumir o projecto de edificação de uma África nova, que aposta no progresso e desenvolvimento, refazendo, assim, a sua história. São estes desafios que devem ser reconhecidos quando se estuda, hoje, a história do continente negro, especialmente a matéria sobre a escravatura.

With a coherent and updated Hermeneutics questioning the history of Africa and without twisting the facts there is a logical need of rereading historical facts. In this line of thought, philosophy and sociology offer safe criteria to access the events of yore, living the present but set on the future which must be supported by other ideals: the reconstruction of the continent.

Thus, we can move from the "misfortunes" of the past onto a current dignified life that must include the project of building a new Africa set on progress and development, therefore rebuilding its history. These are the challenges that must be recognised when we study the history of the black continent today, especially in what slavery is concerned.



# Índice

Introdução

I. Descobrimentos e incursões

armadas

1. Um retrato «venenoso»

1.2. Promoção do homem africano?

1.2.1. Um complexo jogo de  
interacções

1.2.2. Princípios da  
modernidade?

1.2.3. Abolição como obra europeia

II. Uma leitura perigosa

III. Uma (re)leitura sociológica da  
história de África

IV. A Reconstrução de África como  
meta

Conclusão



## Introdução

Este painel - *Escravidura e tráfico de escravos* - surge, para nós, como um espaço ideal para reflectirmos um pouco mais sobre este fenómeno que deixou muitas marcas, no universo africano. É, até agora, uma referência negativa que tem provocado vários complexos no homem africano, impedindo-o de encarar a vida com dignidade e optimismo. Por isso, falar da escravatura, hoje, para um africano, surge como uma boa ocasião para alimentar sentimentos de vingança, ódio e racismo, em vez de motivá-lo para reler, com serenidade, a sua história.

Assim sendo, a forma como a história de África tem sido apresentada deve ser revista na base da sociologia, para que tenhamos uma imagem real daquilo que foi, que é, e que será a sociedade africana, que deve assumir os desafios da reconstrução, para renovar o universo e o homem africano.

Este nosso estudo surge, pois, nesta linha, pelo que começaremos por apreciar a escravatura como um dado histórico, para depois, à luz da sociologia da cultura e da hermenêutica, apurar certos dados que nos ajudarão a adquirir, de uma forma objectiva, uma vertente sociológica actualizada da história de África, que deve assumir, hoje, uma etapa própria: a da reconstrução e não de críticas estéreis e tendenciosas sobre a escravatura<sup>1</sup>.

### I. Descobrimientos e incursões armadas

A história tem reservado muitas páginas sobre a escravatura, pelo que não se pode negar a historicidade desta prática, muitas vezes apresentada como uma grande aberração criada e estimulada pelos europeus, na medida em que isto implicava a transferência de forças vitais de África para o exterior, estruturando um negócio frontalmente contrário aos interesses

africanos. Foi, segundo consta, um negócio imposto, que só pode ser entendido no âmbito de uma relação desequilibrada do continente africano com o Ocidente, promotor e protagonista desta prática<sup>2</sup>.

Neste trato, reconhece-se que foi uma mistura íntima entre descobrimientos e incursões armadas para a captura de cativos que se deu a partir da década de 30 do século XIV. O reconhecimento de África e a extensão das actividades de comércio levaram ao aparecimento de uma vasta «casta» ligada ao continente apenas por grandes interesses<sup>3</sup>.

#### 1. Um retrato «venenoso»

A visão negativa acima apresentada parece dominar os muitos manuais de história que abundam sobretudo no continente africano. É, pois, esta corrente que reafirma que, neste contexto, os europeus, estribados na sua superioridade económica e tecnológica, disponibilizaram produtos essenciais à vida política e militar local, induzindo os africanos a venderem homens, arrastando-os por um caminho que os levaria ao subdesenvolvimento, enquanto a Europa ficava com os lucros desse trato, como responsável pela introdução em África de um corrosivo vírus comercial e humano, cuja influência maligna se embrenhou pelo interior, levando os naturais a escravizarem os seus semelhantes.

Como se sabe, nos primeiros anos de contacto, os navegadores portugueses lidaram com esses mananciais, de uma forma violenta, capturando gente no litoral africano. Tanto o tráfico marítimo como o terrestre eram, naturalmente, acompanhados de violência. Não apenas a violência inerente à captura, mas também a que decorria das condições de transporte, já que no caso do tráfico transariano, os escravos efectuavam a viagem a pé, e confrontavam-se com uma série de dificuldades. Provas: as formas de escravatura ocidentais eram mais



desumanas do que as que existiam noutros locais. A par da brutalidade e da indiferença dos que encaravam o escravo como uma mera peça, consumível e facilmente substituível, a comiseração e a empatia com o sofrimento alheio acompanharam toda a história da escravatura<sup>4</sup>.

Neste âmbito, os exploradores e gananciosos «desfizeram» o continente negro, criando uma África em decomposição, uma África incapaz de se livrar dos preconceitos raciais. Contribuíram, assim, em larga escala, para que se traçasse um retrato de África que envenena, até aos dias de hoje, a mentalidade de milhões de homens. Este facto foi visto como uma das causas de subdesenvolvimento do continente negro. Entretanto, não faltou a resistência dos nativos<sup>5</sup>.

## 1.2. Promoção do homem africano?

A escravatura tem ou pode ter outra leitura, diferente daquela que foi produzida nos parágrafos anteriores. Significa isto que é possível outra visão sobre este fenómeno. E nas linhas que se seguem, vamos tentar filtrar os factos relativamente positivos, que provam que os europeus não podem ser considerados como os únicos responsáveis pelo drama africano, uma vez que os próprios africanos participaram, noutros moldes, no mesmo processo<sup>6</sup>...

### 1.2.1. Um complexo jogo de interações

Entretanto, excepto um pequeno número, o mundo ocidental de Quatrocentos ou Quinhentos não via o tráfico e a escravidão dos negros como actos criminosos ou criticáveis. Bem pelo contrário, as actividades escravistas eram muitas vezes encaradas como formas positivas de promover o progresso do homem africano<sup>7</sup>. Ora, visões deste tipo devem interpelar os estudiosos africanos à uma revisão desta prática, para evitar os extremos.

A nova atitude deve ser uma ponderação me-

nos emocional para filtrar certos elementos menos maus, aceites na linha da relação entre homens com culturas e poder económico diferentes. Nisto, consta que os europeus ofereciam aos africanos bens de prestígio... Aquilo que ofereciam em troca de escravos era demasiado aliciante em termos de economias políticas africanas. Dispondo de tecnologias de produção e de transporte muito mais avançadas, os europeus punham pela primeira vez ao dispor dos africanos um conjunto de bens provenientes de várias regiões do globo. Esses bens eram em grande quantidade e tinham um maior valor social.

Na medida em que o poder político e o prestígio social dependiam do número de parentes e de dependentes que cada um encabeçava, não admira nada que as sociedades africanas tenham acabado por aderir à venda de homens a troco de bens que lhes permitiam adquirir ainda mais homens, já que esse era o meio de pagamento em muitas das suas transacções internas. Os africanos, certamente, tinham várias e boas razões para venderem homens. E faziam-no muitas vezes por motivos de estratégias desenvolvimentistas do empresário moderno. Revela-se também que os europeus não dispunham geralmente de meios para forçarem os africanos a participarem num comércio contra a sua vontade. Regista-se também que os líderes africanos não se apresentavam como irracionais, e que a sua participação no tráfico terá sido voluntária. Revela-se, por fim, que o tráfico transatlântico, longe de ter sido uma perversa invenção ocidental, resultou, isso sim, de um complexo jogo de interações e de continuidades históricas<sup>8</sup>.

É de sublinhar:

«É um erro pensar que os povos ocidentais teriam sido insensíveis à iniquidade e à brutalidade da escravidão. Não obstante as abstracções jurídicas ou filosóficas que tendiam a reduzi-lo a um mero objecto animado, o escravo era um ser humano e o seu sofrimento podia tocar - como efectivamente tocava - a humanidade dos que o viam chegar de África



numa enxovia flutuante, desvalido e nu»<sup>9</sup>.

Portanto, houve também uma visão marcada pela tolerância, isto é, o reconhecimento de que a escravatura era indubitavelmente iníqua e desumana<sup>10</sup>. Percebera-se que os escravos existiam em abundância e que havia também uma vontade africana em comercializá-los. Efectivamente, este é um aspecto que nem sempre é devidamente sublinhado. Esquece-se, muitas as vezes, que uma parte muito substancial de África já se estruturou em redor do tráfico e da escravidão, muito antes de os europeus lá terem chegado. Sabendo que a compra e venda de homens já se praticavam em África, independentemente da presença europeia, deve-se reconhecer também que a África Negra desenvolvera igualmente a sua própria escravatura interna.

Neste horizonte, a África subsariana apresentou um dado: os escravos podiam ter funções muito diversificadas: agricultores, soldados, remadores para as canoas, funcionários administrativos; podiam ser um meio de pagamento e transacções políticas e, sobretudo, de engrandecimento do grupo. Tanto quanto a documentação e a interpretação de raiz antropológica nos deixam perceber que as principais motivações da escravidão intra-africana estariam sobretudo relacionadas com o estatuto da terra.

Era aí também que se tinha gerado formas culturais que previam transferências desses direitos a troco de bens e transferir os seus direitos sobre uma pessoa para outra linhagem. Na óptica africana, o ideal seria que o grupo pudesse envolver-se numa série contínua de relações e transacções comerciais que permitissem trazer cada vez mais gente ao grupo. É verdade que em muitas sociedades africanas, a situação do escravo não parece ter sido particularmente penosa, sendo vulgar que gente adquirida como escrava tivesse a ávida muito semelhante a dos seus senhores e que alguns

escravos se tornassem poderosos, chegando mesmos a adquirir outros escravos. Muitas as vezes acendiam a posição de importância capital...<sup>11</sup>.

Seria lógico reter:

«O que importa frisar é que, fosse qual fosse a natureza e a benignidade da escravidão africana, ela já existia antes do século XV e sob formas que predisponham as entidades políticas a estimularem a venda de homens»<sup>12</sup>.

Certamente, para além da convivência de chefes locais, houve uma predisposição dos reinos africanos, devido a uma organização social e a uma economia política particulares, para aderirem rapidamente à venda de homens para o exterior. O desejo da elite política e comercial africana de fornecer escravos deve atribuir-se não tanto a um malefício impactado chegado de fora, mas à própria história e dinâmica interna das sociedades africanas. Há uma evidência de tudo isso: a de que os primeiros negócios de compra e venda de homens realizados por portugueses e africanos nas regiões da África ocidental se fizeram à luz de diferentes tradições e motivações escravistas, cuja consideração invalida qualquer visão simplista ou unilateral sobre a natureza do tráfico transatlântico, o que invalida, naturalmente, qualquer «demonização» de uma das partes<sup>13</sup>.

### 1.2.2. *Princípios da modernidade?*

Quando se fala da modernidade no contexto africano, recorrem-se a muitos autores que apontam a entrada do europeu no continente negro como o ponto de partida da modernização de África, salientando que o colonialismo é equiparado ao processo social de aculturação, reconhecido, principalmente, pela antropologia e pela sociologia<sup>14</sup>. Daí, uma interrogação: à luz de uma hermenêutica de «alto risco», não poderá a escravatura ser considerada também como um processo de aculturação, já que tratou-se também de um encontro entre povos



com culturas diferentes? Não será este um princípio que poderá ajudar o africano a reler a sua história para ter uma nova compreensão sobre a mesma?

Neste contexto, seria lógico situar também a escravatura na senda da modernidade, cuja irrupção decisiva deu-se sobretudo nos séculos XVII e XVIII com a revolução industrial, que se prolongou até fora do Ocidente, alterando, profundamente, o universo e as sociedades do Terceiro Mundo<sup>16</sup>. Em África, isto começou com o contacto com outros povos e culturas. Por isso, o passado africano é um marco, um caminho para as mutações sociais no continente. Assim, a escravatura, na linha do colonialismo, surge como um campo marcado pela mudança social e pela aculturação, configurando-se na modernidade.

### 1.2.3. *Abolição como obra europeia*

Há outro aspecto a considerar quando se depara com o problema da leitura da escravatura, numa perspectiva mais objectiva e imparcial, que nos ajuda a compreender de uma forma clara e equilibrada a filosofia e a cultura do europeu, que não pode ser «pintado» como o grande diabo neste processo. Nesta linha se situa a abolição da escravatura, que partiu da iniciativa do próprio Ocidente, que num momento próprio ganhou consciência e apurou argumentos fortes e válidos para abolir esta prática<sup>16</sup>...

É de assinalar que a corrente que considera a revolta dos escravos como único factor que impulsionou a sua abolição é produtora de uma visão redutora, unilateral, parcial e simplista da abolição da escravatura. É necessário reconhecer a viragem da mentalidade europeia que influenciou o fim deste processo, que teve em 1807 uma data chave, pois foi naquela altura em que a Grã-Bretanha aboliu o tráfico de escravos e impôs a mesma medida, três anos depois, ao governo português, então exilado

no Brasil. Em Janeiro de 1815, o Congresso de Viena proibiu esta prática. Na década de 1830, o tráfico francês foi suprimido, num período em que um pequeno núcleo de figuras iluminadas começava a conceber igualmente o fim da escravidão. Na década de 40, Portugal intensificou a caça aos negros, e a Grã-Bretanha levou os infractores portugueses e brasileiros aos seus próprios tribunais.

Vê-se, claramente que, a partir da segunda metade de Setecentos, houve uma profunda mudança na esfera das sensibilidades e, ano após ano, tornaram-se cada vez mais numerosos os que viam a escravatura como algo de insustentável, contrário ao verdadeiro destino do homem, e uma prática criminosa que era necessária abolir. Estava, pois, em jogo a inspiração de abolucionistas, que assentava na firme convicção de que o fim da escravatura traria grandes vantagens políticas e económicas, permitindo aumentar a produtividade das plantações americanas e abrir a África a um comércio pleno, mais lucrativo e mais humano. No tráfico francês, por exemplo, os governantes acabaram por estimular uma série de medidas melhoracionistas, como a educação moral dos escravos e a proibição de separar famílias ou de chicotear mulheres. Em regra geral, os governantes admitiam a reforma do sistema escravista. Objecto de abolição gradual estava no seu horizonte. A emancipação gradual a essa tendência libertadora foi prosseguindo lenta mas seguramente até que, no final do século XIX, a escravidão desapareceu no Novo Mundo.

A mudança de perspectiva acerca da justiça e da necessidade da escravatura que permitiu a construção e a aplicação de uma nova norma de liberdade universal é um factor que pode ser designado genericamente por abolicionismo, que constitui a variável estratégica da emancipação. Pretender o contrário surge como uma análise imparcial, uma posição simplicista e



ideológica que procuram, através da manipulação da história, restituir dignidade aos oprimidos e aos seus descendentes<sup>17</sup>.

Estas considerações são fortes e suficientes para orientar a reinterpretação da história de África, especialmente na base da sociologia do conhecimento e da hermenêutica de textos de história que relatam, de uma forma tendenciosa e pessimista, a escravatura, no contexto da história de África...

## II. Uma leitura perigosa

Hoje, lendo atentamente os textos de história de África, nota-se que a escravatura tem sido abordada numa perspectiva pessimista, subjectiva e unilateral, marcada por complexos, preconceitos, ambiguidades, que convidam, emocionalmente, os africanos a alimentar uma onda de racismo e de ressentimentos para com o Ocidente, fazendo aparecer, assim, a história de África como, apenas, um campo de dramas, ou um tratado ideológico...

Trata-se de uma leitura perigosa que não ajuda em nada ao desenvolvimento do continente. Interpretações deste tipo, que surgem com frequência crescente tanto em trabalhos especializados como em obras de carácter geral, deformam a história de África, que surge como algo condicionado pela ideologia<sup>18</sup>.

## III. Uma (re)leitura sociológica da história de África

Como a escravatura tornou-se um dos assuntos mais mistificado e mal compreendido da história de África, urge, hoje, interpretar e esclarecer o sentido em que se utilizava este termo e este processo. No passado, a palavra não tinha o significado que hoje habitualmente se lhe atribui. Na verdade, tratava-se de um termo que se utilizava frequentemente de maneira confusa, e que no seu sentido mais lato significava o sistema escravista no seu conjunto, da compra e venda de homens para o trabalho

forçado. Foi no decorrer do século XX que, em Portugal, a palavra começou a designar quase exclusivamente tudo o que se relacionava com a exploração do trabalho livre, tendendo a substituir o termo «escravidão», que foi caindo em desuso<sup>19</sup>.

Em certos casos, preferiram mesmo substituir a palavra «escravidão» por outras expressões como «sistema de cativo tradicional» ou «escravidão doméstica», acentuando, em qualquer caso, que se trataria de uma campanha benigna, quando confrontada com a projecção que as plantações americanas viriam a conhecer<sup>20</sup>.

Perante esta grelha de leitura, a sociologia, sendo uma ciência interdisciplinar, chamada a dialogar também com a hermenêutica e a epistemologia, surge como um tratado apto a questionar e criticar a história de África. Com isto, produz um autêntico conhecimento que pode justificar a promoção e a tradução de alguns termos ambíguos para outros, que não sejam pejorativos, para que a história de África possa merecer, hoje, outro figurino, isto é sem carga ideológica. É com a nova visão que esta história ganhará outra consideração e outro sentido, para dignificar o futuro e a cultura africana.

Ainda no contexto da sociologia, a hermenêutica, como uma interpretação de textos, contextos e acontecimentos, vai desempenhar também um papel importante para uma boa releitura da história de África, numa perspectiva mais sociológica. Vai se jogar com o novo quadro da antropologia moderna, que já encara o colonialismo apenas como aculturação ou mudança cultural. O imperialismo, neste contexto, deixa de ser encarado como sistema ideológico, passando a ser considerado como uma realidade empírica. Os termos como «colonização», «colonialismo» passaram a remeter para outro domínio. Passaram a ser tratados sob as designações de «choque cultural»,



«contacto cultural», «aculturação», «mudança social» ou «contactos entre sociedades»<sup>21</sup>. Daí, a necessidade e a urgência para estudar, assimilar e rever a escravatura. E não poderá merecer outra tradução, como, por exemplo, *encontro de culturas*? É bom que se reflecta sobre esta matéria...

Para avançar neste empreendimento intelectual, sublinhe-se que na elaboração da história de África, foram os exploradores e conquistadores que forneceram as principais fontes. Pelo que o Ocidente, na altura, tinha uma forma muito diferente de estudar e encarar as sociedades primitivas ou sociedades não ocidentais, consideradas como culturas selvagens. Neste contexto, hoje, os termos e realidades históricas, como escravatura e colonização, devem merecer uma nova concepção, certamente, diferente da visão antropológica do passado.

Num exercício propriamente hermenêutico, serão necessárias uma «tradução» e uma «concordância» coerentes e correctas que expliquem e fundamentem a releitura da história de África. Os resultados deste estudo deverão ser de um trabalho intelectual sério a fim de vencer a carga ideológica que ainda marca a história de África. Novos princípios de orientação devem influenciar as ciências humanas, no contexto africano. É neste âmbito que a sociologia do conhecimento pode ser evocada, pois empenha-se também na interpretação do sentido social da história, bem apoiada pela hermenêutica das ciências sociais, para evitar ou corrigir distorções<sup>22</sup>.

É de considerar:

*«É necessário que, hoje, estas informações e materiais históricos sejam repensadas à medida do homem, e para lá das precisões que podem trazer. Trata-se, na medida do possível, de uma forma de reencontrar a vida... Há que recolher tudo para o reinstalar no marco geral da história»<sup>23</sup>.*

Evidentemente, a sociologia tem de questionar as ciências sociais, como a história, pois

o historiador não presta a suficiente atenção aos signos sociais, aos símbolos, às funções sociais. Trata-se de desfasamentos, de inadvertências. Em várias circunstâncias, os documentos históricos trazem imperfeições, pelo que devem estar sujeitos à crítica<sup>24</sup>. Significa isto que a história deve ser reinterpretada<sup>25</sup> e a verdade deve ser recuperada. É lógico porque história é também discurso. Ora, o discurso deve ser interpretado para suprir a ideologia<sup>26</sup>. Nesta sequência, está bem claro que a História de África deve estar submetida a estes princípios hermenêuticos, para que haja uma nova visão, uma nova leitura e, conseqüentemente, uma nova interpretação. Assim sendo, os termos e situações como a escravatura e o colonialismo terão novas «equivalências», expressas em termos sociológicos próprios como: «aculturação», «encontro de culturas», cuja divulgação e cujo estudo devem ser reforçados e reconhecidos.

#### **IV. A Reconstrução de África como meta**

A opção pelos termos «encontro de culturas» ou «aculturação», na linha da interpretação sociológica é uma atitude epistemológica. Implica uma nova forma de encarar o continente africano, nomeadamente a sua história, com o futuro no horizonte. O tempo actual, para a África, não é de críticas tendenciosas, pessimistas, perigosas, violentas e unilaterais. É, isso sim, tempo de reflectir e de empenhar-se para a Reconstrução...

Quer com isto dizer que a reconstrução deve surgir como meta actual para o continente africano, depois de viver processos e etapas como a escravatura e o colonialismo. O tempo actual já não é para formular discursos nocivos contra o Ocidente que participou na escravatura. Deve ser um tempo de reflexões que devem substituir os actuais discursos tendenciosos, dando lugar aos discursos coe-



rentes, científicos, equilibrados e optimistas, que incentivem os africanos a reencontrar e a reafirmar a sua dignidade e a sua identidade cultural, com vista à sua reconstrução. Se a independência não trouxe a felicidade desejada, provocando um cortejo de dramas, agora, o africano deve apostar na reconstrução de tudo o que foi destruído pela guerra e por outros conflitos recentes que estão a abalar o continente.

A reconstrução proposta deve ser um projecto de desenvolvimento integrado. O dinamismo social, político, económico deve ser a tônica para uma renovação do homem e das estruturas, que deve ser resultado de um progresso franco. Neste contexto, devem ser promovidas acções concretas para a transformação social, uma vez que a reconstrução é uma questão absolutamente crucial<sup>27</sup>.

## Conclusão

Julgamos ter atingido os nossos objectivos, nesta breve reflexão, pois tivemos a oportunidade para apreciarmos este fenómeno chamado escravatura, que até hoje provoca uma certa crise de identidade nos africanos, quando esta realidade histórica é mal interpretada, como tem sido até agora.

Para suprir esta posição, a sociologia deve intervir, relendo a história de África, para que o termo ou o processo da escravatura seja visto como um «encontro de culturas e de povos diferentes», ou como processo sociológico de «aculturação», que marcou e ainda marca a história. Abandonar a leitura tendenciosa e perigosa da escravatura deve ser a meta, para que esta visão seja substituída por uma outra que, em vez de criar sentimentos de revolta, de ódio, de racismo, promova outros sentimentos que favorecerão a convivência com outros povos e culturas, a dignidade do homem africano, impulsionando-o a encarar o futuro com optimismo.

Neste sentido, a África deve apostar na sua reconstrução, através do diálogo franco e equilibrado entre povos e culturas, não ficando agarrada aos traumas do passado. Quer com isto dizer que nos discursos sobre a escravatura, hoje, não se deve perder tempo com lamentações. Será, pois, necessário e urgente elaborar novos discursos, na base de uma (re)leitura sociológica da história de África, de modo que o povo africano possa erguer o seu futuro sem preconceitos nem complexos, sem ódio nem ressentimentos, sem pessimismo nem espírito de vingança...



# Bibliografia

## a) Sobre África

- COPANS, J., *La longue marche de la modernité africaine*, Ed. Karthala, Paris 1998.
- ELA, J. M., *Innovations sociales et renaissance de l'Afrique Noire*, Ed. L'Harmatta, Paris 1999.
- ENDERS, A., *História da África Lusófona*, Ed. Inquérito, Lisboa 1997.
- MANA, K., *Afrique va-t-elle mourir? Essai d'éthique politique*, Ed. Cerf, Paris 1991.
- ILIFFE, J., *Os africanos. História dum continente*, Ed. Terramar, Lisboa 1999.
- KI-ZERBO, J., *História de África Negra*, Vol. I, Ed. Europa América, Lisboa 1990.
- IDEM, *História de África Negra*, Vol. II, 3ª edição, Ed. Europa-América, Lisboa 2002.
- MARQUES, J. P., *Portugal e a escravatura dos africanos*, Ed. CS, Lisboa 2004.
- MATUMONA, M., *A Reconstrução de África na era da modernidade. Ensaio de uma Epistemologia e Pedagogia da Filosofia Africana*, Ed. SEDIPU, Uíje 2004.
- , *Cristianismo e mutações sociais. Elementos para uma Teologia Africana da Reconstrução*, SEDIPU 2005.
- MBEMBE, A., *De la Postcolonie. Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*, Ed. Karthala, Paris 2000.

## b) Outros/Gerais

- BLOCH, F., *Introdução à História*, Ed. Europa-América, Lisboa 1993.
- BRAUDEL, F., *História e Ciências Sociais*, Ed. Presença, Lisboa 1989.
- GIDDENS, A., *Sociologia*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2000.
- , *As consequências da modernidade*, Ed. CELTA, Lisboa 2002.

- J. HEKMAN, S., *Hermenêutica e Sociologia do Conhecimento*, Ed. 70, Lisboa 1990.
- LECLERC, G., *Criticada Antropologia. Ensaio acerca da história do africanismo*, Ed. Estampa, Lisboa 1973.
- MARQUES, J. P., *Revoltas Escravas. Mistificações e mal-entendidos*, Ed. Guerra & Paz, Lisboa 2006.
- PAREYSON, L., *Verdade e Interpretação*, Ed. São Paulo, Lisboa 2005.
- POPPER, K., *O mito do contexto. Em defesa da ciência e da racionalidade*, Ed. 70, Lisboa 1999.
- SILVA, A. S., *Cultura e Desenvolvimento*, Ed. Celta, Lisboa 2000.



# Notas

\* Muanamosi Matumona é sacerdote católico da Diocese do Uíje. Pós-graduado em Comunicação Social, Doutor em Teologia Fundamental pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, doutorando em Sociologia, é também Jornalista do Jornal dos Desportos/Jornal de Angola e professor de Sociologia no Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto - Centro do Uíje. Tem vários artigos e obras publicados.

\*\* \*Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional sobre a Escravatura. CEAUP, Porto 14/11/2007.

<sup>1</sup> Cf. M. MATUMONA, *A Reconstrução de África na era da Modernidade. Ensaio de uma Epistemologia e Pedagogia da Filosofia Africana*, Ed. SEDIPU, Uíje 2004; IDEM, *Cristianismo e Mutações Sócias. Elementos para uma Teologia Africana da Reconstrução*, Ed. SEDIPU, Uíje 2005 e KÄ MANA, *Afrique va-t-elle mourir? Essai d'éthique politique*, Ed. Cerf, Paris 1991.

<sup>2</sup> Cf. J. P. MARQUES, *Portugal e a escravatura dos africanos*, Ed. ICS, Lisboa 2004, 15.

<sup>3</sup> Cf. A. ENDERS, *História da África Lusófona*, Ed. Inquérito, Lisboa 1997:14.21.

<sup>4</sup> Cf. J. P. MARQUES, *Portugal e a escravatura*, 15-20, 23.105.

<sup>5</sup> Cf. JOSEPH KIZERBOU, *História de África Negra II*, 3ª edição, Ed. Europa-América, Lisboa 2002, 82-83 e J. C. VENÂNCIO, *O facto africano. Elementos para uma sociologia de África*, Ed. Veja, Lisboa 200, 48.68.

<sup>6</sup> Cf. JOHN ILLIFE, *Os africanos. História dum continente*, Ed. Terramar, Lisboa 1999, 169-170.

<sup>7</sup> Cf. J. P. MARQUES, *Portugal e a escravatura dos africanos*, 9.

<sup>8</sup> Cf. *IBIDEM*, 29-30.

<sup>9</sup> J. P. MARQUES, *Revoltas escravas. Mistificações e mal-entendidos*, Ed. Guerra & Paz, Lisboa 2006, 33.

<sup>10</sup> Cf. *IBIDEM*, 33.

<sup>11</sup> Cf. IDEM, *Portugal e a escravatura dos africanos*, 25-28.

<sup>12</sup> *IBIDEM*, 28.

<sup>13</sup> Cf. JOHN ILLIFE, *Os africanos*, 169-170.

<sup>14</sup> Cf. GEORGES BALANDIER, *Sociologie actuelle de l'Afrique Centrale*, Ed. Presses Universitaires, Paris 1971, 494 e JEAN-MARC ELA, *Innovations sociales et renaissance de l'Afrique noire*, Ed. L'Harmattan, Paris 1998, 56 e JEAN COPANS, *La longue marche de la modernité africaine*, Ed. Karthala, Paris 1998.

<sup>15</sup> Cf. ANTHONY GIDDENS, *Sociologia*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2000, 75-89; J. C. VENÂNCIO, *O facto africano*, Ed. 157.161. e G. LECLERC, *Crítica da Antropologia. Ensaio acerca da história do africanismo*, Ed. Estampa, Lisboa 1973, 31.

<sup>16</sup> Cf. JOHN ILLIFE, *Os africanos*, 192-193.

<sup>17</sup> Cf. IDEM, *Revoltas escravas*, 9.34.89.104.117.

<sup>18</sup> Veja por exemplo: JOSEPH KIZERBOU, *História de África Negra I*, Ed. Europa-América, Lisboa 1990, ACHILLE MBEMBE, *De la Postcolonie. Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*, Ed. Karthala, Paris 2000.

<sup>19</sup> Cf. J. P. MARQUES, *Portugal e a escravatura dos africanos*, 12.

<sup>20</sup> Cf. *IBIDEM*, 27, citando José Capela, *Tráfico de Escravos nos Portos de Moçambique*, Ed. Afrontamento, 11 e seg.

<sup>21</sup> Cf. G. LECLERC, *Crítica da Antropologia*, 67.71-72.

<sup>22</sup> Cf. S. J. HEKMAN, *Hermenêutica e Sociologia do Conhecimento*, Ed. 70, Lisboa 1990, 18-22.

<sup>23</sup> F. BRAUDEL, *História e Ciências Sociais*, Ed. Presença, Lisboa 1989, 62.

<sup>24</sup> Cf. E. BLOCH, *Introdução à História*, Ed. Europa-América, Lisboa 1993, 145.

<sup>25</sup> Cf. K. POPPER, *O mito do contexto*, Ed. 70, Lisboa 1999, 180.

<sup>26</sup> Cf. L. PAREYSON, *Verdade e Interpretação*, Ed. São Paulo, Lisboa 2005.

<sup>27</sup> Cf. A. S. SILVA, *Cultura e Desenvolvimento*, Ed. CELTA, Lisboa 2000, 43.



**Autor:** Muanamosi Matumona

**Título:** Escravatura: prática criminosa ou promoção do homem africano? - Uma interpretação sociológica da história de África

**Editor:** Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto

**Colecção:** e-Working Papers

**Edição:** 1ª (Ago/2008)

**ISBN:** 978-989-8156-08-2

**Localização:** <http://www.africanos.eu>

**Composição:** CP

**Referência bibliográfica:**

MATUMONA, Muanamosi, 2008. Escravatura: prática criminosa ou promoção do homem africano? - *Uma interpretação sociológica da história de África*. In *e-Working Papers CEAUP*. ISBN:978-989-8156-08-2. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. <http://www.africanos.eu>

**Preço:** gratuito na edição electrónica, acesso por impressão.

**Solicitação ao leitor:** Transmita-nos ([ceaup@letras.up.pt](mailto:ceaup@letras.up.pt)) a sua opinião sobre este trabalho.

©: É permitida a cópia de partes deste documento, sem qualquer modificação, para utilização individual. Não é permitida qualquer utilização comercial. A reprodução de partes do seu conteúdo é permitida exclusivamente em documentos científicos, com indicação expressa da fonte. Não é permitida a sua disponibilização através de rede electrónica ou qualquer forma de partilha electrónica. Em caso de dúvida ou pedido de autorização contactar directamente o CEAUP ([ceaup@letras.up.pt](mailto:ceaup@letras.up.pt)).